

Sentidos minerados: o discurso do kit gay e a circulação algorítmica no controle do gênero

Mined senses: the discourse of the gay kit and the algorithm in circulation in the control of gender

Cintia Regina Ribeiro dos Santos¹

Resumo

Este artigo se ocupa do entrecruzamento entre a circulação e a repetição do discurso sobre gênero em ambiente digital e os efeitos de sentido, produzidos a partir das sucessivas retomadas e compartilhamentos do kit gay (fake news sobre material didático relacionado à educação sexual), a partir de 2011 até 2020. E o faremos com base em dois aspectos distintos: a análise de fake news “kit gay” em períodos eleitorais e o processo de produção/mineração de sentidos impulsionados por meio do funcionamento algorítmico. Nosso investimento teórico-analítico se dá no campo da Análise do Discurso francesa, de filiação pecheutiana, para que, a partir dela, possamos analisar, tanto o modo como a circulação do referido Kit atravessa a validação de gêneros dissidentes dos padrões cisheteronormativos, quanto da consideração do elemento algoritmo como constitutivo na composição e na formulação do discurso sobre gênero não binário em ambientes digitais, a partir da dataficação da informação.

Palavras-chave: *Discurso digital. Sentidos minerados. Kit gay. Fake News. Algoritmo.*

Abstract

This article deals with the overlap between the circulation and repetition of the discourse on gender in a digital environment and the effects of meaning, produced from the successive retakes and shares of the gay kit (fake news on teaching material related to sexual education), from 2011 until 2020. And we will do it based on two distinct aspects: the analysis of fake news “gay kit” in electoral periods and the process of production/mining of meanings driven by algorithmic functioning. Our analytical investment takes place in the theoretical field of French Discourse Analysis, of Pecheutian affiliation, so that, from it, we can analyze, albeit preliminarily, both the way in which the Kit's circulation crosses the validation of dissident genres of the cisheteronormative patterns, and the consideration of the algorithmic element as constitutive in the composition and formulation of the discourse on non-binary gender in digital environments, based on the datafication of information.

Keywords: *Digital discourse. Mined senses. Gay kit. Fake News. Algorithm.*

Recebido: 27/05/2021

Aceito: 21/12/2021

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal de Alagoas. <https://orcid.org/0000-0002-4921-4048>

O político e os corpos que importam

O entrecruzamento de discursos sobre gênero, ação algorítmica, e circulação de informações falsas, também denominadas *fake news*² e desinformação, corresponde ao substrato deste trabalho. Interessa-nos a articulação entre gênero, enquanto “corpos que importam” (BUTLER, 2019, p. 63) e algoritmos de relevância pública (GILLESPIE, 2018, p.98) em “ambiente tecnodiscursivo” (PAVEAU, 2019, p. 278). Tal articulação nos leva, de acordo com Pêcheux (2014, p. 80), à possibilidade de “*abrir campos de questões*”, que atravessam a tentativa de normatização de gênero e os sentidos produzidos nas sucessivas retomadas da ideia do kit gay em ambientes tecnodiscursivos.

Trazendo essa reflexão para a Análise do Discurso francesa (AD), entendemos que o desafio de discorrer sobre o digital nas dimensões linguístico-discursiva e tecnológica reside na capacidade de estabelecermos retomadas e deslocamentos em relação aos referenciais teórico-analíticos propostos por Michel Pêcheux, no fim da década de 1960.

Nesse movimento de retomada, reiteramos a pertinência do destaque dado por Maldidier (2017, p. 20) que, ao tratar do terreno sobre o qual emerge a Análise Automática do Discurso (1969), refere-se à “*estranheza (premonitória) do recurso à informática*”, área que estava “*longe de ser um instrumento neutro*”. E que, naquele momento embrionário, final da década de 1960, era necessário refletir para além da alma da máquina: “*rever detalhes de suas rodas*”, em meio às diferentes perspectivas surgidas desde então.

Podemos pensar em narrativas algorítmicas e do gênero “*em um mesmo*”?

A observação das engrenagens que possibilitam o girar das rodas permanece nos dias atuais e tem nos levado, obrigatoriamente, à mobilização de dispositivos técnicos e ideológicos que incidem na maneira como o intradiscorso (o dito) das notícias falsas³ sobre gênero é propagado, situando essa propagação numa ação mecanizada de dataficação⁴ da experiência humana.

O reconhecimento da relação entre a narrativa que parte de uma ação algorítmica e a materialidade linguística não é recente na AD. Ao contrário, a articulação entre questões da ordem informacional tem sido recorrente e produtiva nos estudos discursivos que se ocupam do funcionamento algorítmico. Neste trabalho, soma-se a essa problematização a regulação do gênero no discurso da desinformação, inscrita em formações discursivas (COURTINE e MARANDIN, 2016, p. 39) nas quais temos “*as linguagem em um mesmo*” (grifo dos autores) padrão de cisgeneridade⁵.

² A expressão *fake news* (tradução literal notícias falsas) é apontada pelas principais agências de *Fact-checking* (checagem) como ambígua. Partem da ideia de que as bases da produção da notícia correspondem a critérios técnicos como apuração, checagem de fontes, o que não ocorre na formulação das “notícias falsas”.

³ A entrada efetiva do debate sobre as implicações da desinformação no contexto da agenda pública mundial ocorre a partir de 2016, com as eleições presidenciais estadunidenses; e no Brasil, a partir de 2018, durante as eleições majoritárias.

⁴ Transformação da experiência dos usuários em dados agrupados e geridos por banco de dados *online*.

⁵ Para Simakawa (2015, p. 62), “a cisgeneridade é um conceito composto pelas compreensões socioculturais ocidentais e ocidentalizadas de gênero tidas como naturais, normais e biológicas”.

Trazemos o gênero na concepção de Paveau (2019, p. 291), considerando o “corpo em sua materialidade”, tendo como ponto de partida a noção “corpo-discurso” (*ibidem*, p. 292). E não apenas isso, entendemos que a análise da interseção entre discurso e algoritmo demanda a identificação das forças materiais que sustentam a normatização de corpos nas plataformas digitais, com efeitos para fora dela.

Interessa-nos investigar, o *efeito* do agenciamento de dados materializados na resposta algorítmica. Fundamentamos a possibilidade de tal vinculação na relação entre programação algorítmica e exterioridade, marcada em diferentes instâncias, aqui trazidas num exercício parafrástico com Orlandi (2010), da seguinte forma: 1- *constituição*: momento da definição de critérios e pressupostos de comando; 2- *(re) formulação*: base tecnodiscursiva Paveau (2019), expressa no intradiscorso, a partir de e nas sucessivas respostas à miríade de resultados de busca.

Partilhamos com Gillespie (2018, p. 105) que a abordagem dos “critérios avaliativos do algoritmo” aponta para sua estruturação com base em princípios políticos.

Os critérios que os algoritmos de informação pública levam em consideração são miríades; cada um está equipado com um patamar que define o que será empurrado para o resultado [...] as avaliações realizadas pelos algoritmos dependem sempre de pressupostos inscritos em seus códigos que versam sobre o que e como importa ser identificado por eles (GILLESPIE, 2018, p. 105).

A questão que trazemos nesse investimento teórico inicial considera a possibilidade da historicidade exatamente pelo jogo entre o dito e não dito, enquanto critérios determinantes dos pressupostos inscritos em seu código. O que nos leva a pensar o que é demandado em cada tempo sócio-histórico como determinante na compreensão de e sobre gênero? A concordância ao que é postulado por Gillespie (2018) aponta exatamente para a retirada dos algoritmos do campo da abstração ou de um artefato meramente técnico, posto que eles têm relação direta com as informações que acessamos diariamente.

Sentidos minerados: algoritmo e exterioridade

No tratamento da “mecanização da produção de sentido e das formas da linguagem”, Paveau (2019, p. 284) pensa a questão não mais na perspectiva de uma “produção individual”. A autora se refere às mudanças de natureza de determinadas discursividades, numa reflexão sobre a ação algorítmica, afirmando que:

Se o indivíduo não está apagado, é forçoso constatar que as discursividades mudaram de natureza, que elas são muito mais coletivas, que elas podem ser pseudônimas, até anônimas, e automáticas mesmo (eu penso nas produções discursivas algorítmicas) (PAVEAU, 2019, p. 288).

Para melhor compreensão, vejamos a origem mapeada do *corpus* desse trabalho. Em agosto de 2018, circulou nas redes sociais e em grupos de WhatsApp a imagem que faz referência à capa do que seria um suposto *Kit gay*, com distribuição pelo Ministério da Educação em caso de vitória do então candidato à presidência da República, Fernando Haddad, Partido dos Trabalhadores (PT-SP).

O processo de checagem da Agência Lupa⁶ confirmou a falsidade da informação. De acordo com a Lupa, o *Kit gay* era, na verdade, uma referência ao programa do governo federal Brasil Sem Homofobia, organizado em 2011. A campanha, programada por ONGs, era voltada para a formação de educadores com o objetivo de contribuir com o debate sobre gênero e sexualidade.

A Lupa confirmou ainda que nenhum dos materiais didáticos do programa estampava a imagem propagada. Durante o processo de apuração, constatou-se que a *fake news* circulou anteriormente, em 2012, durante a campanha de Fernando Haddad para prefeito de São Paulo e, também em 2015, na disputa para sua reeleição.

Em 2020, o então candidato à reeleição para a Prefeitura do Rio de Janeiro, Marcelo Crivella (Republicanos), foi denunciado pelo Ministério Público Federal por difamação eleitoral e propaganda falsa. A desinformação checada pela agência Aos Fatos⁷, em outubro de 2020, confirmou a relação da falsidade envolvendo a distribuição do suposto *Kit Gay* por candidatura adversária.

O que nos mobiliza na reflexão da produção da desinformação propagada com a ideia do *Kit gay* é o limite que distingue, discursivamente, aquele que produz o enunciado, no que Paveau (2019, p. 293, grifo da autora) chama de “*compósito* [...] formas que são tanto linguageiras quanto técnicas, sem que as suas dimensões sejam separáveis ou isoláveis”. Concordamos com a autora que o investimento isolado em um ou outro aspecto “compromete” o resultado da análise com materialidades *online*: “sem consideração da dimensão técnica dos discursos não se pode dar conta de maneira satisfatória, da prática do hipertexto, tanto na produção quanto na recepção, como ato de escrita e como ato de leitura” (PAVEAU, 2019, p. 293).

Na busca do entendimento da trajetória percorrida pelo fluxo de informações capturadas em ambientes de comunicação digital até sua dataficação, recorreremos à metáfora da mineração. Ao tratar do *efeito metafórico*, Pêcheux (2014, p. 96-97) fala do “fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual [...] e da repetição do idêntico através das formas necessariamente diversas que caracteriza”. Nesse ponto, retomamos a proposição de Guilhamou e Maldidier (2016, p. 97), considerando que “o corpus’ em Análise do Discurso resulta de uma ‘operação de extração’”, mediante a amplificação e a consideração de escalas de extração de dados e efeitos de sentidos.

Interessa-nos a identificação dos mecanismos algorítmicos e ideológicos que incidem na tentativa da regulação de gênero nas práticas sociais contemporâneas. Tal empreendimento só é possível mediante a observação não apenas do dito, mas essencialmente dos sentidos esperados a partir de determinados mecanismos discursivos que ganham corpo e se fortalecem na propagação das *fake news*.

⁶ Primeira agência de *fact-checking* (checagem) do Brasil. O resultado da checagem é marcado com etiquetas: *Verdadeiro*, informação comprovadamente correta; *Verdadeiro mas*, informação correta, mas o leitor merece mais explicações; *Ainda é cedo pra dizer*, informação pode vir a ser verdadeira. Ainda não é; *Exagerado*, informação está no caminho correto, mas houve exagero; *Contraditório*, informação contradiz outra difundida antes pela mesma fonte; *Subestimado*, dados são mais graves do que a informação; *Insustentável*, não há dados públicos que comprovem a informação, *Falso*, informação está comprovadamente incorreta; *De olho*, etiqueta de monitoramento.

⁷ Disponível em: <https://www.aosfatos.org/noticias/mencaio-kit-gay-e-ignorada-em-grupos-de-whatsapp-e-provoca-criticas-crivella-no-twitter/>. Acesso em: 20/01/2020.

Proposições teóricas empreendidas por Gillespie (2018) evidenciam a preocupação com algo que nos inquieta e que diz respeito às implicações da propagação de “discurso” e “conhecimentos”, forjadas a partir da ação humana na programação de elementos tecnológicos, ligados à computação contemporânea. Isso ocorre “à medida que adotamos ferramentas computacionais como nossos principais meios de expressão” (GILLESPIE, 2018, p. 98).

Nesse aspecto, é preciso considerar a lógica algorítmica em diálogo com algumas das categorias discursivas que incidem na produção e na reprodução da desinformação. Interessa identificar, nos ambientes de comunicação digital, os *métodos de lavra*⁸ (extração) e *beneficiamento de dados e de sentidos*, a exemplo do que ocorre com os minérios presentes no subsolo.

A partir do efeito metafórico e parafrástico, baseados em Pêcheux (2014, p. 59), reiteramos que tanto os dados e os sentidos, assim como determinados minerais, estão submetidos a um método de *lavra subterrânea*⁹, “clivagens subterrânea”, cujos “gestos incansavelmente repetidos (de cópia, transcrição, extração, classificação, indexação, codificação etc.) constituem também uma leitura” (*idem, ibidem*).

Ao pensarmos a relação entre algoritmo, circulação de sentidos e banco de dados, levamos em conta o destaque dado por Dalben e Jurno (2018, p. 22), quanto ao fato de que “algoritmos são máquinas inertes até estarem conectados ao banco de dados a partir dos quais funcionam”. A afirmativa mostra a relevância dessa base de informações, compreendida como o “lugar” no qual estão concentradas, de um lado, preferências e particularidades sobre os usuários, e na outra ponta, determinações e critérios de ordem programática. É nesse cruzamento contínuo que situamos a mineração incessante de dados que retornam como *sentidos minerados*.

Ainda na perspectiva metafórica da mineração, Zuboff (2018, p. 31) afirma que “dados são adquiridos, tornado abstratos, agregados, analisados, embalados, vendidos, analisados mais e mais e vendidos novamente”. Tal configuração implica considerar dados e sentidos num funcionamento constitutivo em que a alteração em um leva à modificação do outro em sucessivos beneficiamentos/minerações.

É exatamente nesse recorte que trazemos a denominação de *sentido minerado*, a partir da dataficação e do controle. Leia-se, minerado enquanto resultado da ação do cruzamento e de rearranjos inscritos no funcionamento de algoritmos previamente programados. Entendemos, pois, que em análise de desinformação, temos o compartilhamento em hiperescala, na ordem da circulação. A acumulação e ressignificação de dados mobilizam a categoria da *(re) formulação*. Interessa-nos observar a dataficação no que é postulado por Silva (2017, p. 34), ao definir base de dados como:

um conjunto de informações estruturadas, organizadas e indexadas cuja função é propiciar um acesso rápido e o potencial cruzamento dessas

⁸ Métodos de lavra compreendem um conjunto de técnicas de extração mineral no qual são levados em conta aspectos sociais, econômicos e ambientais.

⁹ Método consiste em extração de minérios localizados em jazidas distantes da superfície e cuja extração só é possível com a utilização de sondas.

informações, visando a produção de conhecimento sobre determinado tema.

Sobre a relação entre o discurso e o digital, Dias (2018, p. 23) considera que: “1) o dado está na base do digital e dos processos de individuação dos sujeitos e 2) está na base dos procedimentos discursivos e dos dispositivos de poder que determinam o mundo e os processos de identificação”. A extração e análise de dados mediados por computador, problematizada por Dias (2018, p. 27), a partir de fluxos de informações heterogêneas, leva-nos ainda à maneira como se dá o processamento e a modulação para fins discursivo. Impõe-se, desse modo, considerar não apenas o aspecto da acumulação, mas prioritariamente a circulação dos sentidos derivados desse funcionamento.

E o fazemos no campo do gênero, de acordo com Butler (2019, p. 17), na observação da “exigência normativa sobre os corpos” inscrita no *Kit gay*. Nosso deslocamento para uma abordagem político-discursiva não exclui a acumulação no processo extrativista *de apropriação e manipulação de dados*. Ao contrário, sabemos que a circulação de *fake news* tem impacto, sobretudo, na tentativa de controle dos efeitos de sentido.

Para Butler (2015, p. 200), “a ação do gênero requer uma performance repetida. Essa repetição é a um só tempo reencenação e nova experiência de um conjunto de significados já estabelecidos socialmente”. Pensamos a repetição em hiperescala das notícias falsas operando em seu funcionamento ideológico. De acordo com Courtine e Marandín (2016, p. 46), “há repetições que fazem discursos: é nesse ponto que se conectam a eficácia ideológica (“um discurso pega quando o retomamos”). Tais retomadas impactam na circulação e na formulação da desinformação.

Desse modo, não podemos pensar circulação e (re) formulação sem a exterioridade que as constituem. Silva (2017, p. 35) alerta que é preciso considerar o algoritmo a partir de uma exterioridade que extrapola a um comando lógico, resvalando para escolhas e protocolos de interação: “não é algo exógeno à humanidade: trata-se de procedimentos determinados por agentes e instituições reais (não por uma máquina extraterrestre poderosa)”. Discursivamente, podemos entender o cruzamento da informação como ação deliberada, cujo fim é o engajamento de usuários aos efeitos *de sentidos minerados* de e sobre o gênero.

O Google e o discurso sobre o que compartilhamos nas eleições presidenciais de 2018

A atualidade da propagação em rede faz com que a materialidade sócio-histórica das notícias falsas seja observada simultaneamente a alguns dos principais efeitos reais de sua disseminação, a exemplo dos resultados de eleições presidenciais nos Estados Unidos (2016) e no Brasil (2018). Em ambos os casos, os candidatos eleitos se beneficiaram da convergência de comunicação em plataformas digitais, num processo marcado pela

desinformação deliberada e pela retomada de uma *memória discursiva*¹⁰ de gênero alinhada a valores nacionalistas de direita.

Importa retomar a declaração de Eric Schmidt (apud ROUVROY; BERNIS, 2018, p. 119), diretor-geral do *Google*: “nós sabemos, em linhas gerais, quem vocês são, o que lhes interessa, quem são seus amigos (isto é, conhecemos seu ‘cardume’)”. O executivo se refere à capacidade antecipatória dos artefatos tecnológicos de mediação. E prossegue: “A tecnologia será tão boa que vai ser difícil para as pessoas ver ou consumir alguma coisa que não tenha sido, em alguma medida, ajustada para elas” (*ibidem*, p. 119).

Trazer a declaração do diretor-geral do Google para o campo do funcionamento do que chamamos de *sentidos minerados* requer ampliar o debate sobre controle. Silva (2017, p. 35) afirma que “a coleta e o processamento de informações pessoais podem servir como insumos para classificações de indivíduos através da elaboração de códigos que incorporem determinados valores sociais, julgamentos ideológicos ou critérios mercadológicos”. Entende-se que, após serem agregadas à base de dados, as informações tomam outras configurações. Ainda que a referência ao mercado de dados seja, apenas e aparentemente, voltada para o comércio de produtos adequados previamente aos consumidores, verificamos que a estratégia viabiliza, sobretudo, a circulação ideológica.

Assim, o que seria apenas um modelo de negócios, obedece à dinâmica na qual algoritmos determinam prioridades e condicionam mecanicamente a atualização do que imaginam ser de interesse dos usuários. O fator “público calculado” (GILLESPIE, 2018, p.98) está, portanto, relacionado a diferentes formas de algoritmos de segmentação. Discursivamente, tal público se dá com base em “discursivos logicamente estabilizados” (PÊCHEUX, 2015, p. 143-144), nos quais se trabalha com a construção do “sentido adequado” de moral, política, religião e gênero.

Um dos problemas é que esse processo pode incorrer em uma sobreposição dos grupos forjados pelos algoritmos em detrimento dos grupos que o usuário efetivamente procura. Partindo do princípio de que o público é algorítmicamente construído, Gillespie (2018, p. 115) questiona quem são os escolhidos pela medição e os que são deixados de fora. E mais, “como essas tecnologias, não apenas tecnologias de avaliação, mas de representação, ajudam a constituir e codificar os públicos [...] que de outra forma não existiriam, exceto quando os algoritmos os convocam” (GILLESPIE, 2018, p. 115). Estamos de acordo com o autor quanto ao alcance de tais representações, criadas com base em critérios de inclusão e exclusão desconhecidos e que, ainda assim, podem vir a ser tomados em sua questionável legitimidade.

Kit gay: o político e o religioso na normatização de gênero

¹⁰ “O termo e a noção de *memória discursiva* são introduzidos na análise do discurso político por J.-J. Courtine em 1981, a partir dos trabalhos de M. Foucault e da reflexão histórica de P. Nora sobre as ligações de memória” (PAVEAU, 2019, p. 100).

De acordo com Pêcheux (2014, p. 146), o sentido é “determinado pelas posições ideológicas que estão em jogo no processo socio-histórico no qual as palavras, expressões e proposições são produzidas (isto é, reproduzidas)”. Chama a atenção, nesse aspecto, a “autonomia” algorítmica para “jogar” com formações imaginárias, manipulando o caráter material do sentido, à revelia dos usuários e de acordo com orientações ideológicas que, no caso das *fake news*, são determinações político-partidárias, religiosas, com efeito na regulação da moral e dos costumes.

No Brasil, a eleição presidencial de 2018 marca o epicentro da expansão das *fake news*. A respeito disso, Morozov (2018, p. 11) argumenta que condicionantes como a dependência das plataformas digitais na circulação de informação e a apropriação das “redes como agentes políticos” e o modelo de negócios baseado em dados em modelos de negócios da *Big Tech*¹¹,

funcionam de tal maneira que deixa de ser relevante se as mensagens disseminadas são verdadeiras ou falsas. Tudo o que importa é se elas viralizam (ou seja, se geram números recorde de cliques e curtidas) [...]. Verdade é o que gera mais visualizações. Sob a ótica das plataformas digitais, as *fake news* são apenas as notícias mais lucrativas.

Sobre o político-ideológico da desinformação, a reportagem de Patrícia Campos Mello¹², divulgada pelo Jornal Folha de São Paulo, em 8 de outubro de 2019, mostra que a direção do WhatsApp admitiu, pela primeira vez, que a eleição brasileira de 2018 teve uso de envios maciços de mensagens, com sistemas automatizados contratados de empresas. Somados, os avanços obtidos por meio das novas configurações tecnológicas de comunicação e o aumento da disseminação de informação falsa impactaram o resultado eleitoral no país.

O corpo atravessado pelo *Kit gay*, amplamente compartilhado no período pré eleitoral, significa não apenas no aspecto do gênero em si, mas na regulação de uma performatividade binária universal, responsável por mobilizar demandas políticas. Para Butler (2000, p. 39-40), “normas convencionais e exclusivas de universalidade podem, através de reiterações perversas, produzir formulações não-convencionais de universalidade que expõem as características limitadoras e exclusivas”.

Desse modo, interessa-nos “considerar, do ponto de vista do discurso, como o sujeito se constitui e como os sentidos são produzidos e circulam, buscando identificar daí os seus efeitos nas diversas práticas sociais” (ERICSON, 2020, p. 710). A análise das sequências *SD1 Escola sem homofobia - KIT GAY* e *SD2 - comentário A* mostra a maneira discriminatória em que as formações discursivas religiosas e conservadoras enunciam, por meio de *fake news*, o gênero em ambientes de comunicação digital.

¹¹ Termo em inglês para designar as grandes empresas de tecnologia de dados.

¹²Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/10/whatsapp-admite-envio-massivo-ilegal-de-mensagens-nas-eleicoes-de-2018.shtml>. Acesso em: 21 nov. 2019.

Figura 1 – Sequência discursiva 1: Escola sem homofobia – Kit Gay.



Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2018/08/kit-fb-1.png>

SD1 – Escola sem homofobia – KIT GAY: “Bolsonaro é chamado de homofóbico por causa disso que você está vendo, eu cobri a parte do homem, isso é as capas do Kit gay que querem ensinar as crianças a partir dos 6 anos aprender isso. Tenho um filho de 6 anos e não aceito isso e você vai aceitar? Então, não vote em ninguém do PT, PC do B, PSOL, PSDB entre outros, eles defendem isso. Bolsonaro é o único capaz de bater de frente a esses malignos que querem mexer com o cérebro das crianças, se isso entrar na escola do meu filho tiro ele da escola. Pela família e pela ética moral, voto em Bolsonaro presidente 17. E me perdoem por postar essa imagem, é a única maneira de mostrar para as pessoas quem ama a família.”

Nesta análise, observamos que o enunciado “Escola sem homofobia” pressupõe que o ambiente da escola é homofóbico, portanto, que nele existe homofobia. A construção pressupõe o kit funcionando como um antídoto para um problema real por meio de efeitos de sobreposição.

Por sua vez, a idade (6 anos) mostra que as *fake news* foram produzidas a partir de uma mesma FD, a qual designamos conservadora, orientada com base numa relação familiar considerada tradicional. Ainda que diante da impossibilidade de identificação da autoria, elas partem de uma mesma construção, na qual arriscaríamos a dizer de uma escrita feminina ou forjada no feminino, com apelo emocional, afetivo.

Verifica-se que a escola aparece como um espaço de disputa na cena enunciativa do discurso político, em questões como “quem vai dominar a escola, ‘eu’, ‘você’ ou ‘eles?’”. Embora a escola não seja o lugar, a arena de discurso político, ela é posta na cena enunciativa como esse espaço. A referência à escola também remete a uma marcação de gênero na enunciação, enquanto uma preocupação e um alerta de mãe, aquela que acompanha o desenvolvimento escolar das crianças.

Cabe observar que o então candidato à presidência da República, Jair Bolsonaro, é chamado de homofóbico. O “chamado de” está funcionando como um efeito que produz o como se não fosse, porque é. Do ponto de vista do discurso, alguém diz que “é”, embora ele não precise que alguém diga que ele “é”, o que funciona reforçando o já dito e não a sua negação: “Bolsonaro é homofóbico”. Os dizeres são apresentados pelo funcionamento de um sujeito em primeira pessoa do singular (“eu cobri”, “eu tenho”, “eu não aceito”, “eu tiro” e “eu voto”), e à segunda pessoa do singular cabe apenas votar.

Vê-se, então, que já não se trata de Kit gay ou de tirar a criança da escola, porque isso quem vai fazer sou “eu”. Temos aqui uma ameaça na qual “eles querem”, as crianças são “elas”, e você “não vote”. Uma vez apresentados os elementos argumentativos, com um efeito de conclusão (“eu não aceito isso”), tem-se a interpelação do interlocutor (“E você vai aceitar?”), seguida de uma indicação objetiva, com uso do imperativo: “Então, não vote em ninguém”. A resposta do outro é aquela a que o locutor interpela o interlocutor a responder, exatamente o que quer que ele responda, numa construção na qual o locutor se antecipa e responde pelo outro, na relação “senão, então”, sendo seu complemento para uma resposta negativa. Embora presente, o interlocutor recebe a pergunta e, ao mesmo tempo, a possibilidade de resposta pretendida. A indeterminação do interlocutor constitui também um mecanismo que contribui para a viralização, uma vez que possibilita um alcance maior de identificação com determinada formação discursiva.

Por sua vez, as siglas partidárias PT, PC do B, PSOL, PSDB são nomeadas no campo político adversário, trazendo, no entanto, um caráter homogêneo na nomeação dos “inimigos” para uma condição heterogênea, bastando considerar as distintas filiações ideológicas de PSOL e PSDB. A polarização que ocorre de modo constitutivo no discurso político, nos termos de Corten (1997), estende-se também ao discurso religioso, considerando os amigos e os inimigos de Deus. A expressão “capaz de bater de frente a esses malignos” é um exemplo, na referência aos “sem-Deus”, responsáveis pelo *Kit Gay*.

A figura do “filho”, enquanto propriedade dos pais, reforça o poder da família e sua suposta autonomia face ao Estado. O dizer “tiro ele” da escola, em sua expressão coloquial, contribui para uma aproximação das classes populares, “ignorando” a norma culta da língua portuguesa, sendo esta uma estratégia de aproximação com os falantes periféricos (da favela, da comunidade), cuja escolarização, geralmente, depende da escola pública. A não preocupação com a norma não configuraria um erro, pois se insere no argumento da sustentação desse dizer, que busca o efeito de identificação com o interlocutor e coloca a irrelevância do saber da variação padrão face à relevância do efeito imperativo que reforça a necessidade da manutenção da heteronormatividade.

No enunciado “pela família, pela ética”, são observados elementos que articulam na formação discursiva uma posição-sujeito que se apresenta como única, uma determinada maneira de dizer (pelo esquecimento 2) às pessoas (“vocês”) quem realmente ama a família, enquanto instituição social que só pode ser ali constituída em bases binárias.

A imagem no discurso materializado na SD1 traz a marcação da questão de gênero funcionando como um alerta ao perigo de uma suposta entrada da sexualidade LGBTQIA¹³⁺ nas escolas. Primeiro, observamos que a alternância entre o colorido e o preto e branco remete a algo voltado para estudantes. O aspecto didático é reforçado pela construção gráfica em quadros, como algo que se desloca entre o livro e as histórias em quadrinhos. As figuras que ilustram, no entanto, remetem a conteúdos para adulto, com ênfase em posições sexuais. Casais gays e mulheres lésbicas simulam posições sexuais, algumas delas tidas como tabu na formação discursiva religiosa: o sexo anal e o sexo oral.

¹³ Utilizada por organismos internacionais (ONU e Anistia Internacional) a sigla LGBTQIA+ representa: L: Lésbicas; G: Gays; B: Bissexuais; T: Travestis, Transexuais e transgêneros; P: Pansexuais; Q: Queer. I: Intersexo e o A: Assexual.

A discursividade da imagem também apela para cores simbólicas da comunidade LGBTQIA+. A primeira delas, o pink, vem em destaque no título “Kit gay”. Referência no universo gay masculino, a cor também é associada ao *pink money* (dinheiro gay), numa alusão não apenas à capacidade de compra de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais, como também aos produtos e serviços voltados para esse público e que apoiam a causa da diversidade.

Ainda na composição da cena imagética, o dizer “Escola sem homofobia” é grafado com as cores do arco-íris, considerado o símbolo máximo da diversidade e da inclusão, representadas na bandeira¹⁴ LGBTQIA+.

Figura 2 – Sequência discursiva 2 - Comentário.



Disponível em <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/wp-content/uploads/2018/08/kit-fb-3.png>

SD 2 – Foi por Causa da Luta contra esse Kit gay que o Bolsonaro tomou nome de homofóbico. Essa é apenas uma das capas do famoso kit gay, criado para ensinar seu filho que ele pode brincar de boneca e pode se apaixonar por outro menino. Criado para ensinar sua filha que ela pode ser menino e pode fazer sexo com outra menina. Esse kit é simplesmente para ensinar sexualidade a seus filhos, ou seja, a crianças. Se você não conhece essa depravação, aconselho que procure se informar sobre Fernando Haddad, o criador do Kit Gay e esse que é o Candidato do PT ele é o poste de Lula... (compartilhem o máximo). Vamos eleger Bolsonaro Urgente. Vamos Salvar Nossas Crianças.

Na *SD2*, sobre a temática do *Kit gay* agora trazida a partir de um comentário de identificação com a *FD* em tela, verificamos algumas modificações realizadas no enunciado em relação à *SD1*. Observamos que, nas sequências discursivas *SD1* e *SD 2*, o falso *Kit gay* funciona metaforicamente como um “cavalo de troia”, com potencial de introduzir o mal, a sexualidade LGBTQIA+ nas escolas. A questão da imagem, no entanto, permanece preservada. Nota-se também o reforço à questão eleitoral. O uso da associação entre “eleger” e “as crianças estão perdidas” possibilita a construção do dizer “Nós, com Bolsonaro, vamos salvar (nossas crianças)”, em um compromisso que compromete/inclui o interlocutor (“Nós”). Bolsonaro, com o trocadilho de um dos seus sobrenomes, é levado à condição de messias, aquele que salva as crianças, mas para que tal salvação aconteça a

¹⁴ A bandeira do arco-íris foi idealizada por Gilbert Baker em 1978.

sua eleição é pré-condição. Atentamos novamente para o não pedido de votos, mas a convocação para elegê-lo. O importante é que ele tenha votos dos que se opõem ao *Kit gay*, mas mais que isso, que esses votos sejam suficientes para elegê-lo.

Considerações finais

Considerando as inquietações tratadas neste artigo, entendemos que as demandas postas pelas condições de produção colocam em constitutividade o tecnodiscursivo e o discursivo das e nas *fake news*. A compreensão da (re) formulação e da circulação dos sentidos de gênero tornou possível afirmar que é na interseção entre “memória e atualidade” (PÊCHEUX, 2015, p19), que se dá o enfrentamento da analista face às condicionantes postas pelas transformações do discurso em funcionamento no meio digital e a partir dele.

Na confluência entre tecnologia algorítmica e gênero, inscritos na história e na ideologia, chegamos ao cerne da problematização dos *sentidos minerados*. Resultado do extrativismo de dados e da ação político-ideológica sobre corpos não binários, tais sentidos se materializam enquanto *produto* da (re) formulação e da viralização *on line*. Consideramos, pois, que no campo do gênero, a desinformação opera na interdição da subjetivação.

Impulsionada pelo modelo acumulativo de dados e em efeitos de sentido forjados, a circulação da desinformação está imbricada nos estudos contemporâneos sobre o discurso digital. Reconhecemos, dessa maneira, o alcance da transversalidade que perpassa as pesquisas envolvendo *corpus* que significam exatamente na interseção entre componentes linguísticos e/ou discursivos e/ou técnicos, não necessariamente nessa ordem.

A entrada em circulação dos *sentidos minerados* resultam de sucessivos rearranjos da dataficação da experiência humana. Sem fechar fronteiras, concluímos, por ora, que a análise dos efeitos de sentido amplificados pelo *kit gay* se inscreve em formações discursivas político-religiosas de viés conservador, condição cujo alcance e especificidade precisam ser considerados para além da lógica da política e da religião na validação do gênero binário universal. Tal configuração nos leva a sintetizar a circulação do *kit gay*, enquanto resultado da mineração de *sentidos* de e sobre gêneros modulados pelo capital.

Referências

BECKER, C. #Verificamos: Imagem apresentada como ‘capa do kit gay’ não está no material. **Folha de São Paulo**, Piauí, Agência Lupa, 30 ago. 2018. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2018/08/30/verificamos-kit-gay/>. Acesso em: 15 jan. 2019.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

BUTLER, J. **Corpos que importam**. Os limites discursivos do sexo. São Paulo: Crocodilo Edições, 2019.

COURTINE, J.J; MARANDIN, J.M. **Que objeto para a Análise de discurso**. In: Materialidades Discursivas. Organização de Bernard Conein et al. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2016.

DALBEN, S.; JURNO, A. C. Questões e apontamentos para o estudo de algoritmos. **Revista Parágrafo**. São Paulo, v.6.n.1, p.17-29, jan./abr.2018.

DIAS, C. **Análise do discurso digital**: Sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas/SP: Pontes Editores, 2018.

ERICSON, S. “Desalentadas”: subjetivação em dizeres sobre as mulheres que desistiram de procurar trabalho. **Rev. katálysis**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 707-719, dez. 2020. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-49802020000300707&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 12 nov. 2020.

FLORENCIO, Ana Maria Gama et al. **Análise do discurso**: procedimentos & prática. Maceió: EDUFAL, 2009.

GILLESPIE, T. The Relevance of Algorithm. In: GILLESPIE, T. et al. (orgs.). **Media technologies**: Essayson communication, materiality, and society. Cambridge: MIT Press: Virtual Books, 2018.p.167-195.

GUILHAUMOU, J. **Discurso e arquivo**: uma experimentação em análise do discurso. In.: Maudidier, Denise; ROBIN, Régine. Tradução de Carolina P. Fedatto e Paula Chiaretti. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2016.

MALDIDIER, D. **A inquietação do discurso**. (Re)ler Michel Pêcheux hoje. Campinas/SP: Pontes, 2017.

MOROZOV, E. **Big tech**: a ascensão dos dados e a morte da política. São Paulo: Ubu Editora, 2018.

ORLANDI, E. P. A contrapelo: incursão teórica na tecnologia - discurso eletrônico, escola, cidade. **RUA**, v. 2, n. 16, 2010.

PAVEA`U, M. **Os pré-discursos**: sentido, memória, cognição. Tradução de Greciely Costa e Débora Massmann. Campinas/SP: Pontes Editores, 2013.

PAVEAU, M. In: OLIVEIRA, G. A.; NOGUEIRA, L. (orgs.). **Encontros na análise de discurso**: efeitos de sentidos entre continentes. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2019. Entrevista: É preciso repolitizar a Análise do Discurso colocando-a numa perspectiva materialista.

PÊCHEUX, M. **Semântica e Discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M.; FUCHS, C. **Por uma análise automática do discurso**. Uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Organização de Françoise Gadet e Tony Hak. Tradução de Bethânia S. Mariani et al. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **Análise de discurso**. Campinas/SP: Pontes, 2015.

PÊCHEUX, M. **Ler o arquivo hoje**. In: ORLANDI, E.P. (org.). Gestos de Leitura: da história no discurso. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 2014.

ROUVROY, A., & BERNIS, T. **Governamentalidade algorítmica e perspectivas de emancipação: O díspar como condição de individuação pela relação?**. In F. Bruno, B. Cardoso, M. Kanashiro, L. Guilhon, & L. Melgaço (Orgs.), *Tecnopolíticas da vigilância: Perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.

SILVA, S. P. **Algoritmos, comunicação digital e democracia: Dimensões culturais e suas implicações políticas nos processos de *Big Data***. In: *Cultura digital, internet e apropriações políticas: experiências, desafios e horizontes*/organização João Paulo Mehl e Sivaldo Pereira da Silva – Rio de Janeiro: Folio Digital: Letra e Imagem, 2017.

SIMAKAWA, Viviane Vergueiro. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. Dissertação de Mestrado. Instituto de Humanidades, Artes e Ciências, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

ZUBOFF, S. **Big Other: Capitalismo de vigilância e perspectivas para uma civilização de informação**. In F. Bruno, B. Cardoso, M. Kanashiro, L. Guilhon, & L. Melgaço (Orgs.), *Tecnopolíticas da vigilância: Perspectivas da margem*. São Paulo: Boitempo, 2018.